

RAUL SEIXAS UM FENÔMENO CULTURAL E ANTROPOLÓGICO PARA A EDUCAÇÃO

Victor Agostinho de Sousa

Karla Isabel de Souza

RESUMO

O presente artigo é um estudo antropológico de uma personalidade que influencia jovens e pode servir de recurso para educadores que buscam uma comunicação dialógica (Freire, 1996) considerando a cultura em sala de aula. O texto tem uma análise bibliográfica e investigativa do músico Raul Seixas, passando pela sua infância na Bahia, sua primeira banda e acima de tudo a sua vida pós-exílio do Brasil, causado pela ditadura militar. Alguns pontos serão levantados sobre o que de fato acon-

teceu na sessão da tortura de Raul Seixas e Paulo Coelho, e quais foram os motivos que fizeram o músico se afundar em álcool e drogas e posteriormente, falecer em função disso. Não obstante, esse artigo vai mostrar o lado mais humano possível do músico, suas frustrações e inquietações, juntamente com o impacto causado na música brasileira pelo poeta.

PALAVRAS-CHAVE Raul Seixas; Crítica social; Educação Dialógica; Ditadura Militar; Política.

INTRODUÇÃO

Para reviver uma figura como Raul Santos Seixas, é necessário um grande esforço para reunir e compreender to-

do o material que temos sobre esse artista. Esse texto propôs todo esse trabalho, e principalmente refazer seus

passos do sucesso até a sua morte, passando pelo período da ditadura militar, o exílio nos Estados Unidos e sua volta para o Brasil com as suas críticas ácidas ao governo vigente entre 1975 e 1985, quando o artista lançou obras como **Abre-te Sésamo**, um álbum no formato de LP com 12 faixas, lançado pela gravadora CBS em 1980, que se tornou um material censurado e teve uma atenção especial nesse texto. Também, é importante entender que

mesmo que a música tenha causado a morte do intérprete, a sua ascensão mudou permanentemente o cenário musical brasileiro. Se torna também imprescindível visitar pessoas que estiveram no passado do músico, como Paulo Coelho, que será brevemente citado ao decorrer do texto. A dificuldade de encontrar materiais sobre o passado de Raul tornou esse trabalho árduo, porém ainda possível e extremamente necessário.

METODOLOGIA

Esse texto utilizou pesquisas bibliográficas com abordagem qualitativa e delineamento de estudo de levantamento. A coleta de dados foi feita a partir de entrevistas concedidas pelo músico no passado, textos e artigos acadêmicos, livros, coletâneas e discos do próprio artista. A finalidade é reviver o diário do músico e entender como conceitos filosóficos influenciaram diretamente a postura do compositor diante do mundo e principalmente, entender que tudo que veio posterior ao exílio de Raul Seixas serviu como fator chave para sua morte precoce. Para isso, se utilizou o livro “O Baú do Raul” que conta com seu diário pessoal e escritos inéditos, podendo ser considerado uma fonte histórica primária.

Além disso, a arte dele foi revisitada para entender e ligar os sentimentos colocados no diário com o senti-

mento colocado na música. É importante também ressaltar a dificuldade para reunir materiais sobre o artista. Apesar de ser uma figura indispensável para a cultura musical brasileira, ainda assim há escassez sobre fontes primárias para realizar levantamentos, algo que reflete diretamente na tentativa de apagamento de figuras revolucionárias na música brasileira. As teses de mestrado e doutorado tornaram esse trabalho menos árduo de certa maneira, pois serviram para direcionar onde exatamente pesquisar. Porém, o fato de grandes bibliotecas públicas não possuírem o livro, e de ter sido necessário recorrer à biblioteca da ECA-USP, confirma novamente o ponto levantado sobre a tentativa de apagamento de Raul Seixas de alguma maneira da nossa cultura, o que se prova ineficaz mesmo com todos esses esforços.

O INÍCIO ARTÍSTICO

No dia 1º de janeiro de 1973, Raul Seixas lançava o álbum *Krig-Ha, Bando*, álbum esse que alavancaria a carreira do então músico e produtor musical. Esse disco continha sucessos inéditos como *Metamorfose ambulante* ou *Ouro de tolo*. A música *Metamorfose ambulante* tem uma importância na carreira do artista porque deu indícios das tendências artísticas e filosóficas do autor; a segunda, por sua vez, mostrava “[...] um alto teor de amargura e infelicidade, o homem é visto como ser preponderantemente somático” (Devides, 2006, p. 85). Entretanto, é necessário entender de onde surgiu esse alto teor de amargura do músico baiano.

O poeta Maluco Beleza nutria um amor muito grande pela música, especialmente por Rock and Roll, de acordo com o músico: “Eu sempre quis ser cantor, de rock. Foi a música que me influenciou. Antes disso minha inclinação era a literatura. Estudava muito filosofia, literatura, e não tinha tempo para cantar profissionalmente” (Seixas, 1992, p. 14). Esse afastamento do cantor ao que lhe agradava de fato mostra que, posteriormente, o artista iria adotar uma postura diferente, pois percebeu a possibilidade da música de ser um veículo para expressar os seus ideais. E, de acordo com o músico, como um bom individualista que adora falar de si mesmo (Seixas, 1992), o artista embarcou fundo nisso.

Em 1954, surgem nos Estados Unidos Elvis Presley e o Rock and Roll caipira. O movimento americano atraiu tanto Raul que o levou a ser reprovado cinco vezes no atual segundo ano do ensino médio. De acordo com seu diário, a reprovação se deu porque ele faltava para comparecer às reuniões do Elvis Rock Club, onde bebia, dublava artistas americanos, cantava e tocava ao vivo (Seixas, 1992).

A nova postura do poeta começou a causar descontentamento em seus pais (sua mãe tinha como expectativa a Presidência da República para ele). Em seu diário, usar o cabelo com o corte de James Dean, blusão de couro e beber cuba-libre causava espanto em seus pais burgueses de classe média (Seixas, 1992). Esse espanto vinha acompanhado de palavras ácidas de sua mãe, que, de acordo com o músico, dizia: “Um menino que teve tudo, nasceu em berço de ouro, mimado, por que ages assim?” (Seixas, 1992, p. 18). Essas palavras contundentes de sua mãe e o constante descontentamento só influenciaram o nosso compositor a ir cada vez mais fundo. Em concordância com seu diário, isso se refletia pelo pensamento filosófico constante do músico sobre não existir uma verdade absoluta sobre nada (Seixas, 1992).

Com isso, o letrista formou em Salvador sua primeira banda. Apresentou-se durante dez anos em clubes,

boates, televisão e rádios, viajando pelo interior. De acordo com seu diário, simultaneamente, tentava conciliar os estudos de Direito, Filosofia e Psicologia com a Música, o que não deu certo; ele então escolheu a última (Seixas, 1992). Foi para o Rio em 1967 e fez seu primeiro disco, Raulzito e os Panteras, que foi um fracasso (Seixas, 1992). Com isso, há indícios novamente do amargor e da infelicidade do compositor na música *Ouro de tolo*, em que ele cita esse período no seguinte trecho: “Eu devia estar alegre e satisfeito por morar em Ipanema depois de ter passado fome por dois anos aqui na Cidade Maravilhosa” (Seixas, 1973).

Apesar disso tudo, Raul continuou de alguma maneira investindo na carreira artística. Voltou para a Bahia após o fracasso do seu primeiro disco, e, dois anos mais tarde foi convidado de volta para o Rio de Janeiro por Sérgio Sampaio, onde iniciou uma carreira como produtor musical, gravando em 9 de agosto de 1972 duas músicas no estúdio da Philips (Seixas, 1992). Esse ano das gravações coincide com um fenômeno cultural descrito por Napolitano:

A partir de 1972, a música brasileira parecia retomar certa ofensiva cultural e política contra o regime e galvanizar as massas populares em grandes eventos, através de espetáculos ao vivo. Mas os tempos continuavam difíceis para quem se propunha a fazer uma

arte que fosse algo mais do que lazer. (Napolitano, 2014, p. 181-182)

Essa ofensiva cultural é visível no primeiro disco de sucesso de Raul Seixas, especialmente em músicas como *Mosca na Sopa*, em que Seixas (1973) canta:

Eu sou a mosca que perturba o seu sono, eu sou a mosca no seu quarto a zumbizar. E não adianta vir me detetizar, pois nem o DDT pode assim me exterminar, porque você mata uma e vem outra em meu lugar.

Porém, como dito anteriormente, ele passou um tempo trabalhando somente como produtor musical antes do lançamento do aclamado *Krig-ha, Bandolo*. Esse período é um fator-chave para o descontentamento de Seixas com a própria vida e a sociedade. Raul com frequência se classificava como “sensível” e “individualista” em seu diário (Seixas, 1992). A não produção de músicas no momento que achava certo para si mesmo, e o agravante de não serem composições dele, tendo em vista que em 1972 Raul tinha composições terminadas (Seixas, 1992) –, machucava seu temperamento: “nervoso, irritado, sensível” (Seixas, 1992, p. 15). Esse descontentamento fica cada vez mais claro em uma nota escrita em seu diário em 1972, em que diz:

Tudo me cansa; as revelações da vida, a vida, a presença constante da morte nos meus calcanhares, nos meus ouvidos, a ausência de uma estrutura posta sobre ou sob os arcos, aros, erros... saco tudo isso! Fazer poema é um saco; música outro saco, porque poemas e músicas eu tenho que fazer para os outros e nunca no momento exato!!! (Seixas, 1992, p. 26)

Esse cenário mudaria logo no início de 1973, quando seu grande primeiro sucesso seria finalmente lançado. Porém, todos os descontentamentos iniciais de Raul Seixas continuariam e ficariam cada vez mais evidentes em suas composições, juntamente com seus estudos sobre Aleister Crowley e

sua obra *The Book Of The Law*, que têm grande influência na escrita do disco *Gita*, lançado em 1974, que o músico afirma em depoimento:

Este álbum é todo em cima do Livro da Lei, que Aleister Crowley recebeu, ditado por um ser do Novo Aeon. Mas não é... apostólico. São simplesmente coisas que eu descobri e digo, porque tenho esses meios de dizer, porque meu trabalho é dizer, sacar, dizer. Sou o cientista que faz a granada que o soldado lança pra explodir tudo... Não levei Aleister Crowley totalmente a sério, não. Aliás, eu acho que é isso que ele queria. Tirei coisas dele para mim, aproveitei. (Mauro, 2003, p. 50)

CONTRACULTURA E RAUL SEIXAS: O SURGIMENTO DO “CHE GUEVARA DO ROCK NORDESTINO”

Tudo começa em 1972, quando Raul, convencido por Sérgio Sampaio, participa do Festival Internacional da Canção, e inscreve duas músicas, sendo *Let Me Sing, Let Me Sing* e *Eu Sou Eu Nicuri É o Diabo*. Ambas chegam ao final e, dessa vez, obtêm sucesso da crítica e do público. O músico, então, é rapidamente contratado pela Philips e grava essas músicas no dia 9 de agosto de 1972, no estúdio dessa gravadora. Na mesma época, começou a desenvolver interesse por discos voadores,

e foi por meio disso que se aproximou de Paulo Coelho. De acordo com Lucas Marcelo Tomas de Souza:

Raul Seixas chegou até Paulo Coelho pelo interesse em uma matéria sobre discos voadores, assinada por um autor inexistente, chamado Augusto Figueiredo. Paulo Coelho, então editor e repórter das revistas alternativas A Pomba e 2001, escreveu, sob esse pseudônimo, o artigo que chamou atenção de Raulzito. Quem se dirigia até a reda-

ção da revista era um Raul Seixas executivo, altamente remunerado por uma das maiores gravadoras do país, a CBS. De cabelos aparados, terno, gravata e paletó, Raulzito era a total contraposição do homem que escrevera a matéria “Vida Extraterrena”, que tanto lhe chamara atenção. (Souza, 2016, p. 157).

Sob essa ótica, é possível observar a diferença do artista antes e após seu grande lançamento. Como dito anteriormente, nosso artista era de uma família burguesa, funcionário de uma grande empresa, casado e pai de uma criança. Paulo Coelho era o total oposto. Nas palavras de Souza (2016, p. 158): “Paulo era um hippie, redator de uma revista underground, que ainda penava o sustento financeiro e abusava do consumo de drogas”. Esse encontro dos opostos, deu origem à identidade revolucionária do Raul Seixas.

Como o poeta Maluco Beleza se descreve em seu diário, ele não acredita em verdades absolutas na política (Seixas, 1992). Todavia, mesmo o seu teor revolucionário não tendo viés de promoção partidária, a sua comunidade esotérica e música abalavam de maneira considerável os alicerces morais e sociais, como em *Ouro de tolo*, onde há uma crítica constante à busca incessante de bens materiais, ou até na música *Sociedade Alternativa*, em que Raul diz: “Faze o que tu queres, pois é tudo da lei”, questio-

nando contundentemente normas morais de um regime militar. É importante destacar também que Raul Seixas era um homem guiado por seus amores, como evidenciado em sua autoanálise (Seixas, 1992). É nesse sentido que o título de *Che Guevara do Rock Nordestino* se aplica a Raul Seixas. Temos um elemento básico para ser um revolucionário no seguinte trecho: “o revolucionário verdadeiro está guiado por grandes sentimentos de amor. É impossível pensar num revolucionário autêntico sem esta qualidade” (Guevara, 1965a, p. 382).

Diante disso, Raul foi preso e torturado pelo governo militar do Brasil. Músicas como *Sociedade Alternativa* tiveram o mesmo impacto de um soco no governo militar do Brasil. Raul narra como aconteceu a sua expulsão do Brasil em entrevista na revista Bizz:

Bizz – Chegaram para você e literalmente mandaram embora?

Raul – “Literalmente” é choque no saco. Fui torturado mesmo no governo Geisel. (Bizz, 1986, p. 28)

Posteriormente, o artista concederia uma nova entrevista à revista Bizz relatando com mais detalhes o ocorrido e aprofundando a sociedade alternativa de que ele tanto falava e que inspirou uma de suas canções:

Além de ser expulso da A.A. (a sociedade ocultista Astrum Argentum), eu fui posto para fora do país. Essa sociedade simpatizou muito com a música Sociedade Alternativa e com o trabalho que eu estava fazendo com o Paulo Coelho na época. Era um trabalho no sentido de fazer uma reestruturação de todos os valores. Isso acarretou em muitos prejuízos para mim. E a reestruturação, essa mudança de valores, não foi completa porque o governo não gostou. A A.A. me deu um terreno enorme em Minas Gerais para eu construir a Cidade das Estrelas, que era meu sonho na época. Tipo colocar o anti-advogado, o anti-guarda, o anti-tudo... Mutações radical de valores, mesmo. Porque está mudando, só que as pessoas não querem ver. Até hoje a Sociedade Alternativa fica comigo como uma boa lembrança. [...] Até hoje não sei realmente qual foi o motivo. Mas veio uma ordem de prisão do I Exército e me detiveram no aterro do Flamengo. Me levaram para um lugar que eu não sei onde era... Tinha uns cinco sujeitos... Bom, eu estava... Imagine a situação. Eu estava nu, com uma carapuça preta que eles me colocaram. E veio de lá mil barbaridades: choque em lugares delicados... Tudo para eu poder dizer os nomes das pessoas que faziam parte da Sociedade Alternativa que, segundo eles, era um movimento revolucionário contra o governo. Era um coisa mais espiritual... Eu preferiria dizer que tinha um pacto com o demônio a dizer que tinha parte com a revolução. Então Foi isso – Me levaram, me escoltaram até o aeroporto... (Bizz, 1987, p. 69-70)

É evidente nesse trecho da entrevista de Raul Seixas, a sua tentativa

de fazer uma reestruturação de valores na sociedade Brasileira, e isso se confirma em outro trecho da mesma entrevista, na página posterior, em que ele é perguntado sobre seu encontro com Mick Jagger:

Bizz – Nessas histórias de encontros, teve ainda aquela com Mick Jagger, isso em 68, quando ele estava aqui no Brasil. Na época Jagger lhe disse coisas que mudaram suas idéias. O que foi que ele disse?

Raul – Ele me antecipou os valores morais que estavam vigentes naquela época e que não tinham chegado ao Brasil. Me antecipou o que estava acontecendo musicalmente, culturalmente, em matéria de comportamento... foi interessantíssimo. Fiquei impressionado e me valeu para modificar os meus valores – eu era baiano arraigado, aquelas coisas em que você fica meio pendurado. (Bizz, 1987, p. 70-71)

Raul entendeu os valores vigentes da sua época, e lutou de maneira constante para modificá-los de alguma forma. Seja por críticas ao consumismo como em *Ouro de tolo*, seja lançando o álbum *Gita* que continha a maior afronta do poeta até aquele momento ao governo militar. Se utilizarmos uma visão anacrônica, a música pode até parecer simples demais para ter uma recepção tão negativa assim do governo militar, porém, em 1968, de acordo com Marcos Napolitano, os tropicalistas estavam se radicalizando cada vez

mais, e já eram reconhecidos como um grupo de artistas que possuíam lutas culturais, que ocupavam os circuitos culturais e a mídia de forma avassaladora (Napolitano, 2014), então era claro que qualquer música ou artista que questionava de alguma maneira os valores vigentes da ditadura seria severamente punido. Raul Seixas dizia em *Sociedade Alternativa* para fazer tudo que você quiser, pois é tudo da lei, frase extremamente contundente quando, de acordo com Marcos Napolitano, artistas tinham obras censuradas, o trabalhador possuía um toque de recolher que tinha de ser seguido à risca, e novos partidos eram proibidos de serem criados (Napolitano, 2014). O compositor relata que sua obra tinha apenas cunho esotérico, mas isso cai em contradição com sua boina vermelha na capa do álbum *Gita* e com uma frase de seu diário em 1973:

Os que estão contra a loucura do sistema, ou seja, os ditos revolucionários, são barbados e cabeludos. Tipos convencionais e padronizados. Se não for cabeludo não é lhe dado crédito. E outra, notei que da parte dos jornalistas há um certo receio de dar apoio ao movimento, já que o movimento é o que eles querem, mas podem “perder o emprego.” Como eu ainda não fui preso eles dizem que eu sou artista de consumo, ou seja, agente do Dops ou CIA. Para que dêem crédito ao meu ponto de vista (já que é mais avançado que o deles) eu preciso, como Caetano, ser expulso do

país e ter músicas censuradas, ser preso como Chico, queimar fumo para não ser “careta”, cheirar pó, senão é “careta”. O convencionalismo desses debilóides me deixa puto: se eu canto para o povo eu sou melhor entendido que a crítica dos jornais?? Esses críticos são uns idiotas bitolados. Ficam sentados atrás de uma mesa de redação ou atrás de perguntas programadas por minicassetes. Não movem uma palha porque não sabem mover, e quando alguém move eles não entendem. Se eu fosse contar com esse apoio tava fudido. São tão perigosos como os donos do poder. São tão doentes quanto a sociedade. (Seixas, 1992, p. 62)

Quando juntamos os relatos do artista nas entrevistas e esse recorte do seu diário e somamos com as suas obras, ficam mais do que claros quais eram verdadeiros interesses do músico. Por mais que ele gostasse do tropicalismo, o intérprete não vinha com ele nas suas veias (Seixas, 1992); Raul vinha com uma alma revolucionária, com uma alma inquieta e que estava comprometida com a mudança. Desde 1968, Raul tinha pleno conhecimento dos valores morais vigentes não somente no Brasil, mas no mundo inteiro, e se via como obrigado em mudar esses valores. Assim como Che Guevara, Raul Seixas tinha amor guiando suas ações. Ele tinha vontade de transformar e revolucionar todo o cenário musical e moral do Brasil. O artista tinha amor pela mudança pois, como diz na sua música *Metamorfose ambu-*

lante: “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo” (Seixas, 1973). O Maluco Beleza não queria que somente ele fosse essa metamorfose ambulante; queria que as outras pessoas embarcassem de cabeça nesse processo e deixassem de ter aquela velha opinião formada sobre tudo – aquela opinião formada sobre tudo que o governo militar e os anteriores, como o de Vargas, usavam para induzir as pessoas através da propaganda e da mídia.

Também é interessante ter um cuidado com as palavras de Raul Sei-

xas em 1973 em seu diário. É inédita essa aversão dele a drogas, às quais, posteriormente, o artista se renderia. Isso mostra o próximo ponto importante nesse artigo: a música matou Raul Seixas. Da mesma maneira que ela causou a ascensão do músico, também causou a sua queda. Foi somente após o sucesso de suas obras que sua postura muda radicalmente no tocante ao uso de drogas ilícitas. Enquanto, no início, o músico poderia ser dito como um “revolucionário puritano”, posteriormente, ele se tornaria um revolucionário com postura oposta ao uso de drogas.

DA ARTE AO EXÍLIO, RETORNO, DEPRESSÃO, VÍCIO E PARTIDA

É importante voltar para os relatos anteriores do artista para falar sobre como a música foi um fator-chave para o declínio do compositor. Então, retiremos um recorte da entrevista de Raul Seixas à revista Bizz:

Até hoje não sei realmente qual foi o motivo. Mas veio uma ordem de prisão do I Exército e me detiveram no aterro do Flamengo. Me levaram para um lugar que eu não sei onde era... Tinha uns cinco sujeitos... Bom, eu estava... Imagine a situação. Eu estava nu, com uma carapuça preta que eles me colocaram. E veio de lá mil barbaridades: choque em lugares delicados... (Bizz, 1987, p. 70)

O músico apresentou pausas durante o seu relato, e o jeito que os detalhes foram citados para o entrevistador demonstra sofrimento claro, que Sylvio Passos confirmou, declarando que Raul Seixas chorava ao contar esses episódios. Além disso, desenvolveu paranoia e uma mania de perseguição que intensificou seu sofrimento (Passos, 2003).

Outro ponto extremamente necessário a ser levantado novamente é sobre Raul e o uso de drogas ilícitas. Como dito anteriormente, Raul Seixas era o antônimo de Paulo Coelho quando se conheceram. Carlos Minuano fala da trajetória de Paulo Coelho e do músico baiano juntos, e um trecho específico diz:

[...] Mas, com a pindaíba que enfrentava em 1972, Paulo só conseguia manter mesmo uns baseadinhos minguados. De tanto Paulo insistir, o roqueiro baiano de vez em quando dava uns tapas na erva, mas, diferentemente do que muitos pensam por aí, nunca foi a dele. (Minuano, 2019, p. 142)

Fica explícito que o poeta começou a moldar-se conforme a sua amizade com Paulo Coelho. Porém, esse molde se torna contraditório, quando, em um trecho tirado do diário dele em 1973, por exemplo, o músico demonstra certa aversão a cocaína ou maco-nha, deixando claro que o artista estava constantemente se mascarando para a sua parceria com Paulo Coelho, mesmo que aquilo lhe causasse malefícios a longo prazo. Também fica evidente que Raul não tinha o hábito de expor coisas extremamente pessoais; como a sua aversão às drogas, mesmo consumindo. O músico nordestino, no trecho citado anteriormente, demonstra sua insatisfação em ser chamado de artista de consumo, e adotar uma postura contrária ao uso de ilícitos poderia reafirmar esse rótulo colocado no artista.

É importante também ressaltar que nosso Maluco Beleza se esforçava para vender uma imagem forte sobre os incidentes que aconteceram com ele. Indo na completa contramão dos relatos de Sylvio Passos, Raul disse para revista Bizz em en-

trevista que *“Não guardo nenhuma cicatriz psicológica sobre minha saída daqui, que foi braba”*. Entretanto, quanto utilizamos de um método investigativo sobre a vida do músico, podemos perceber que Raul tinha sim feridas expostas sobre a sua tortura e saída do Brasil. Além do que foi dito anteriormente por Sylvio Passos, no trecho retirado da revista Bizz em que o músico fala sobre a prisão no aterro do Flamengo, fica claro que as pausas na fala dele demonstram um certo desconforto em narrar e relembrar os fatos, confirmando que algo lhe machucou profundamente. É importante também perceber que o artista destacou que estava nu, e que ocorreu “choque em lugares delicados” e “mil barbaridades”, o que abre uma possibilidade de abuso sexual cometido contra Raul Seixas, prática comum nos anos de chumbo da ditadura militar. Napolitano diz:

[...] tanto na memória como na história, é de uma cena musical marcada pela constante ameaça do silêncio imposto pela censura, pelo domínio das fórmulas de mercado e pela preponderância do político sobre o estético. (Napolitano, 2010, p. 390)

Em 1974, o músico estava cada vez mais perdido. Carlos Minuano narra um pouco sobre a situação do artista naquele período:

Em 1974, o magro e abusado Raul Seixas surfava na onda do sucesso, mas também flertava com o caos. Fumava, bebia e cheirava em doses cada vez mais cavalares. E a barulhenta toda em torno da Sociedade Alternativa irritava cada vez mais o regime militar, o que tornava o contexto todo ainda mais confuso. (Minuano, 2010, p. 179)

Tudo isso somado aos delírios de Paulo Coelho e Raul Seixas com a ideia de materializar a Sociedade Alternativa com as ideias de Aleister Crowley (Minuano, 2010, p. 179) fez com que os militares finalmente prendessem e torturarem o músico, que foi exilado posteriormente nos Estados Unidos.

A figura do músico se tornou cada vez mais distorcida. Ele teria afirmado diversas vezes que conversou com John Lennon durante dias, tanto na revista Bizz (Bizz, 1987, p. 70) como em uma entrevista com o Jô Soares em 1989 (Minuano, 2010). Carlos Minuano também diz em seu livro que “Segundo Paulo, Yoko Ono falou com os dois rapidamente, mas Lennon não os recebeu” (Minuano, 2010, p. 181).

Ainda em 1974, no diário de Raul, ele deixa bem explícitos quais eram seus ideais e o que ele acreditava para a materialização de uma Sociedade Alternativa, o artista diz:

Ninguém é igual. Cada homem e cada mulher é uma estrela girando em sua

própria órbita. Mas a civilização, através dos séculos, não respeitou a integridade do homem, criando leis absolutas e tentando impor uma vontade comum a todos. Isso é a mesma coisa que entrar numa sapataria e mandar o sujeito só vender um número de calçado, sem respeitar aqueles que possuem os pés menores. E se o sapato escolhido não cabe em nossos pés, nós somos de qualquer forma obrigados a usá-los. E usamos.

Dentro da nova lei que é mencionada por Krishna no Bhagavad-Gita e por Crowley no Book of the Law, “Faze o que tu queres...”, o único objetivo do homem passa a ser a sua própria e real felicidade.

É preciso tornar a ser indivíduo outra vez.

E, mesmo que até hoje as nossas esperanças tenham sido frustradas, nesta Nova Era em que se inicia o indivíduo compreenderá que o valor de si próprio e se unirá a outros para o grande trabalho da autolibertação. Estamos começando um grande empreendimento e nossas portas estão abertas para qualquer ser humano que deseje unir-se a nós, não importando sua nacionalidade, religião, raça, bandeira ou cargo. Para isso foi comprado um terreno pela Sociedade Alternativa em Paraíba do Sul, onde construiremos “A Cidade das Estrelas”, cuja lei será “Faze o que tu queres...” (Seixas, 1992, p. 115)

Posteriormente, o roqueiro baiano voltaria para o Brasil, e com o sucesso do seu álbum *Gita*, o músico produziu novos discos como o *Novo Aeon* e *Eu Nasci Há Dez Mil Anos Atrás*, dois outros grandes sucessos. Porém,

a parceria de Raul e Paulo Coelho começaria a ruir. Tentaram até em 1978 lançar um disco, o *Mata Virgem* em parceria novamente, mas os dois não se davam bem. O disco não chegou a ser um sucesso, e o poeta se via cada vez mais debilitado por conta da pancreatite e do abuso do álcool. Em 1979 o artista perde metade do fígado por conta do álcool e a sua situação fica cada vez mais crítica.

Em 1980, o intérprete lança então, o seu álbum *Abre-te Sésamo* em pleno período de transição democrática da ditadura militar. O músico teria assinado um contrato com a CBS, só que dessa vez como cantor (Seixas, 1992). O disco contém músicas ácidas ao regime que torturou o músico, como, *Abre-te Sésamo*, *Aluga-te e Anos 80*. Em *Abre-te Sésamo*, Raul diz de maneira ácida:

[...] já não querem nada com a pátria amada, e cada dia mais enchendo os meus botões. Lá vou eu de novo, brasileiro nato, se eu não morro eu mato essa desnutrição. Minha teimosia braba de guerreiro é quem me faz o primeiro dessa procissão. (Seixas, 1980)

Raul é extremamente contundente com os militares nessa canção, afirmando que eles não querem nada mais com o país, sendo que em anos de chumbo o músico era tratado como um subversivo (Minuano, 2010, p. 180). Há também uma crítica so-

cial forte sobre o neoliberalismo no Brasil imposto pelo governo militar, pois o músico caracteriza um brasileiro nato uma pessoa que sofre com a desnutrição e é teimoso para lutar contra ela. Há um paralelo interessante nisso se analisarmos que esse modelo neoliberal já estava sendo testado no Chile, que foi um laboratório neoliberal com a ditadura de Pinochet. Então, o Brasil sofria com os mesmos impactos socioeconômicos que o Chile sofreu, e sofre até hoje, evidenciados pelos protestos que ocorreram de 2019 até 2022 (Márquez e Guiñez, 2021, p. 5).

Na música *Aluga-se*, o músico ironiza todo o processo neoliberal de vendas de estatais e sucateamento de serviços públicos, dando uma solução em tom de sátira que a solução seria alugar o país para os estrangeiros. Ele diz na música: “A solução pro nosso povo eu vou dar. Negócio bom assim ninguém nunca viu. Tá tudo pronto aqui é só vir pegar. A solução é alugar o Brasil!” (Seixas, 1980), posteriormente, na mesma música, ele diz:

Os estrangeiros eu sei que eles vão gostar. Tem o Atlântico, tem vista pro mar. A Amazônia é o jardim do quintal. E o dólar dele paga o nosso mingau! Nós não vamos pagar nada! Nós não vamos pagar nada! Tá tudo free! Tá na hora, agora é free! Vamo embora dar lugar, pros gringos entrar! Pois esse imóvel tá para alugar! (Seixas, 1980)

Por fim, há também a música *Anos 80*, que tem grande acidez à censura da ditadura militar. Nessa música, o músico diz:

Hey, anos 80. Charrete que perdeu o condutor. Hey, anos. Melancolia e promessas de amor. Melancolia e promessas de amor. É o juiz das 12 varas de canço e samburá dando atestado que o compositor errou. Gente afirmando não querendo afirmar nada, que o cantor cantou errado e que a censura concordou. (Seixas, 1980)

As obras desse álbum chegaram a ser tão contundentes que, mesmo na transição democrática, ele foi censurado nas faixas *Aluga-se* e *Rock das aranha*. Logo após isso, o contrato é rescindido (Seixas, 1992). O período que viria a seguir para Raul seria extremamente depressivo. O músico tinha plena ciência do que estava acontecendo com sua carreira e seu corpo, e em alguns momentos, não demonstrava medo, como no seguinte trecho de seu diário de 1980:

Não existe motivo para eu parar de viver. Bebia sabendo que ia morrer! Acho que para preencher a vida é necessário seguir e acreditar em alguma coisa que possa acalmar o absurdo da vida. Conheço muitas “escolas”: ocultismo, religiões, carreiras, tudo para camuflar o vazio. O amor é o mais forte preenchimento. Escolhi ser artista por amor. Por que eu trabalho de noite? Me destruo

com cigarros, cocaína e maconha. Me desespero por não encontrar um sentido de vida, por isso não me importo com nada. Tudo é sem importância diante do fato de que estou procurando um propósito; o que chamo de “um fim”. (Seixas, 1992, p. 43)

Porém, em outros momentos, o poeta demonstrava seu desespero e sua tristeza com toda a situação que permeava a sua vida. Diz no seu diário em 1981:

Hoje vivi intensamente os dias de Raulzito e seus Panteras no Rio, passando fome com um disco debaixo do braço. Grava por sede de cantar, indo sempre a pé do Leblon até a avenida Rio Branco. Tinha um “buteco” que eu comia mais barato; quando comia!! Perdi a conta das vezes que olhei a vitrine de padaria. Os programadores de rádio cuspiando no meu disco. Com fome olhando as vitrines de doce. Hoje me lembrei disso. Estou arrasado. (Seixas, 1992, p. 45)

Em outro momento, ainda mais melancólico em 1982, temos um escrito no seu diário que tira qualquer dúvida sobre seu estado. Diz no seguinte texto:

Há quatro anos que venho engolindo meus sentimentos, minha arte, minhas emoções. Tem sido assustador!! Estou profundamente magoado por não ouvir minhas músicas tocando nos rádios, nem ser chamado para programas de televisão. Eles me esqueceram. (Seixas, 1992, p. 47)

Desde 1978, o artista enfrentava problemas de saúde por conta do alcoolismo, o mesmo problema que desenvolveu nos seus anos de parceria com Paulo Coelho, sendo que posteriormente Paulo Coelho não estaria mais ao lado dele nos momentos mais difíceis. Em 1980, quando teve a chance de tentar se reerguer musicalmente com o disco *Abre-te Sésamo*, teve duas faixas censuradas, contribuindo para

que a gravadora encerrasse o contrato com o músico. Ele se encontrava em extrema frustração e depressão, passava fome, como diz em relato do seu diário. A música que tinha feito com que Raul Seixas se tornasse famoso e um símbolo revolucionário no país, estava lentamente matando o artista, seja através dos vícios que desenvolveu, seja pela fome ou seja por estar sendo silenciado pela mídia e os rádios.

ANOS FINAIS E TENTATIVAS FALHAS DE SE REERGUER

A situação de Raul continuaria caótica por muito tempo, seu diário seria um palco de melancolia, o espírito tão revolucionário e inquieto que estava presente em seus anos iniciais na música, no diário do artista, seriam substituídos por pensamentos latejantes de dor. Logo, em 1983, o compositor diz no seu diário:

Estou sozinho na sala do apartamento onde moro. Num quarto dorme um: minha filha; no outro, que é meu e de minha mulher, ela mesma está dormindo lá. No quarto dos fundos tem outro dormindo: a empregada. Cercado por todos os lados. Negado, abafado, procuro em silêncio. (Seixas, 1992, p. 51)

Como visto nesse trecho do diário do nosso Maluco Beleza, é visível que sua situação econômica melhorou razoavelmente, tendo em vista que agora

sua casa tinha uma empregada. Mas, suas frustrações e vícios não teriam terminado. Os quatro anos de sofrimento marcaram profundamente o músico. Em 1986, o músico lançaria seu álbum *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!* Porém, dificuldades financeiras voltariam a atormentar a vida do músico novamente, causadas por seus vícios. Raul Seixas diz em seu diário:

Eu jamais poderia mostrar ao mundo circundante atitudes e episódios tão chocantes e alarmantes sabendo da delicadeza do meu trabalho como um cantor e compositor de nome. Para ser objetivo, várias foram as minhas “vergonhas alcoólicas”:

Em todas as excursões que fiz através do Brasil junto com meu conjunto e empresários, devido a sempre ser bem-sucedido nas apresentações, voltava na euforia da vitória e isso era, por perto, um bom motivo para beber. Ainda no palco, cantando, não via a hora de

terminar meus 45 minutos para “comemorar” no hotel com algumas fãs e colegas de trabalho. E era uma conversalhada danada, e como era de se esperar, entre fileiras e mais fileiras, entre esvaziar a geladeira e mandar o hotel repor as bebidas, eu atendia às expectativas dos fãs e de todo mundo, sendo como sempre o centro das atenções. Após a festa acabar e todos irem embora eu continuava bebendo e cheirando, sabendo que pela manhã tinha que pegar o avião e ir para o outro estado para outro show à noite. Bebia sozinho ou com alguém até o ponto de chegar a quebrar o hotel. Quebrava os espelhos da sala, cama, quebrava tudo e no outro dia a cidade que eu deixava estava com a notícia noticiando minha façanha.

Uma outra vez, na cidade de Caieiras, no interior de São Paulo, estava tão bêbado que o público achou que não era eu que estava ali, pois eu esquecia as letras de minhas próprias músicas; era uma sequência de “brancos” no palco. O público começou a ficar irritado e a gritar: “Fora farsante”. Ainda por cima tive a audácia de me sentir indignado com a reação da plateia, vociferando para eles. Mandeí chamar a polícia para me proteger de um linchamento. A polícia veio e me prendeu. Fui espancado pois não conseguia sequer provar minha identidade ante o delegado. Nunca andei com documentos, confiava no meu nome e esquece de me lembrar de não confiar no álcool.

Outra feita não compareci a um grande show na casa de espetáculos Adrenalina, onde o público quebrou a casa inteira, inclusive a aparelhagem de som, dando um prejuízo enorme e também pessoas foram pisoteadas e gravemente feridas.

Utilizei uma menina de onze anos, filha de Lena, para me comprar éter na farmácia, pois já não vendiam para mim.

Meu irmão quatro anos mais novo do que eu, veio da Bahia para o Rio me visitar sabendo do meu problema. Eu sempre fui o seu herói e professor, ele sempre me respeitou. Se hospedou lá em casa e me convidou para jantar fora. Minha ex-esposa não podia ir pois tinha algo a fazer. Como eu não podia beber em sua frente, no restaurante, e a compulsão aumentava insuportavelmente, eu fui ao balcão e segredei ao barman para botar uma dose dupla de vodca na pia do banheiro. Sentei e conversei nervosamente com meu irmão dando tempo necessário para a trama. Pedi licença para ir ao banheiro, andei rápido, abri a porta e... o copo estava servido lá. Mas, no momento que pus a mão em torno do copo, uma outra mão por detrás segurou a minha e tomou a bebida. Eu não ofereci resistência, e a bebida foi despejada na pia. Era meu irmão sério e determinado que me olhava fazendo-me esboçar um sorriso tímido e amarelo, bem infantil. Nunca me senti tão mal; foi uma experiência terrível.

Em 74 abandonei minha primeira esposa e filha no meu primeiro apartamento, que comprei com esforço pela Caixa Econômica Federal. Abandonei as duas sem nenhum aviso, indo então para uma temporada em Brasília levando comigo a irmã do meu guitarrista americano. Seu nome era Gloria, que visitava o Brasil. Minha futura e segunda esposa.

Minha família é que me deu apoio moral e financeiro à Edith e à Simone, em Salvador; esta minha filha sou proibido de ver faz onze anos. Fui internado por minha quarta esposa,

mãe carioca da minha filha mais moça, pelo menos umas dez vezes. Enfermeiros fortes invadiam a minha casa no Brooklin e me jogavam na ambulância, sob os olhos de todos os vizinhos, e me levavam para hospitais psiquiátricos.

Devia dinheiro em tantos bares da redondeza que para achar um novo tinha que dar voltas homéricas para escapar de ser visto. Às vezes minha música estava tocando numa padaria que não queria me servir, mas por causa da minha música que tocava na rádio eu era servido pelo cara que por certo achava que eu tinha alguma importância. Eu salvo pelo gongo. Ali naquele momento, com pose de artista, eu aproveitava e bebia enquanto o cara achava que eu era o Raul Seixas e não um bêbado. (Seixas, 1992, pp. 173-175)

Essa extensa parte do diário de Raul Seixas mostra a sua insatisfação e vergonha com o rumo que toda a sua vida tomou, não à toa que o título desse texto do diário do músico é “Situações vergonhosas”. O Maluco Beleza tinha noção do quão destrutivos eram seus hábitos, e isso se provou desde seus relatos no hotel, em que ele tinha plena consciência que estava quebrando as coisas, ampliando-se a situação de seu irmão mais novo que o impediu de tomar o copo de vodca. O artista, no segundo caso, não chegou a demonstrar resistência como afirma, pois, se sentia envergonhado, e tinha plena noção que aquilo não estava correto.

É interessante também ver que a situação retratada na música *Eu também*

vou reclamar, do álbum *Há 10 mil anos atrás*, provavelmente tenha acontecido na realidade, na parte “Entro com a garrafa de bebida enrustida porque minha mulher não pode ver” (Seixas, 1976).

Houve uma série de tentativas de o músico colocar a vida nos trilhos novamente, e ele fechou um contrato com a gravadora Copacabana em 1986 para o lançamento do seu disco. Em 1988, lançaria também seu último disco sozinho, *A pedra de Gênesis*, e posteriormente, de acordo com seu diário, o músico estreitou laços com Marcelo Nova do Camisa de Vênus (Seixas, 1992).

O roqueiro baiano teria realmente se esforçado bastante nos últimos meses de sua vida para mudar, e isso fica evidente na carta que ele escreveu para Kika em 27 de janeiro de 1989, tentando reatar com a parceira e falando sobre a sua tentativa de melhora. Raul Seixas diz:

Minha querida Kika,

Mais do que ninguém você sabe o quanto o destino tem me castigado. Felizmente estou em ótima fase de vida, trabalhando com muito entusiasmo e me preparando para um futuro que almejo. Nunca esqueci de vocês, mesmo nos maus momentos, e hoje mais do que nunca lhe desejo. Confesso: chorei de saudades suas hoje ao ouvir as fitas de Elvis que você me mandou. A minha solidão ultimamente tem sido dolorosa, mas que jeito? Você está longe! Eu desejava estar com você e nossa filha. Estou me preparando para gravar um LP para WEA em fevereiro, logo após o car-

naval. Assim que terminar esse trabalho irei até aí. Quem sabe se não voltarei com vocês? Isso é tudo que desejo. Sinto sua falta, sua companhia, seus carinhos. Desde setembro deixei Lena. Estou sozinho. Não esqueço você. Vamos envelhecer juntos. Não me negue esse encanto de vida.

Quando eu chegar aí você verá a minha transformação. Cansei daquela vida artificial e miserável de drogas e álcool. Estou otimista com meu futuro e vocês estão incluídas nele. Acredito que não foi impensadamente que me tomei a decisão de assumir vocês. Pensei muito e cheguei à conclusão de que é o que quero. Eu te amo muito. Perdoe-me as loucuras que fiz. Estou plenamente consciente das minhas responsabilidades para com vocês, acredito que você ainda me ama.

Estou me cuidando, quero dizer, cuidando da minha saúde. Agora mesmo, no dia 25 deste mês, me submeti a uma cirurgia dentária para melhorar o visual. Estou fazendo shows com um amigo todas as semanas, você não imagina o sucesso da minha volta! Os convites estão chovendo a rodo, mas eu estou entrando de leve. Acho que depois de tanto sofrimento e experiências de vida, já estou preparado para suportar o grande (peso do) sucesso.

Pensei muito antes de lhe escrever; sei que será difícil para você tomar uma decisão depois de tudo que aconteceu. Vamos tentar outra vez, acredito que o destino nos unirá novamente. Dr. Lélío está aplicando quase tudo que ganho para garantir um bom futuro para nós. Espero breve poder comprar um apartamento para nós. Talvez espere para você escolher comigo. Tudo de bom para vocês, com amor, Raul. (Seixas, 1992, pp. 108-109)

Essa carta demonstra muito de Raul Seixas nos meses finais de sua vida. Como dito na carta, o músico tinha acabado de se separar de sua companheira Lena Coutinho que conheceu em 1986. Essa parte da carta de Raul também revela o quão sensível e sentimental o músico era, conforme ele tinha feito na sua autodescrição.

O artista também demonstrava certo interesse em cuidar de sua saúde para impressionar Kika Seixas de alguma maneira, demonstrava um ar de maturidade nessa carta, comparado ao Maluco Beleza dos anos anteriores. Como ele destacou na carta, o artista tinha aprendido a lidar com o sucesso depois de tantas fases difíceis ao longo de sua carreira.

O amigo a que Raul se referia na carta era o Marcelo Nova, pessoa com quem gravou o disco *A panela do diabo*, o último disco lançado em vida do músico, no dia 19 de agosto de 1989, que possui tanto músicas de crítica como *Pastor João e a igreja invisível*, sendo uma sátira ácida e contundente ao cristianismo neopentecostal no Brasil, como também músicas filosóficas como *Carpinteiro do Universo*, em que o lado mais filosófico e maduro de Raul Santos Seixas é exposto através da letra.

Apesar de todo o esforço para o rumo de sua vida nos anos finais, Raul não teve êxito e faleceu no dia 21 de agosto de 1989, dois dias depois do lançamento do disco *A panela do diabo*. O artista foi encontrado morto por volta das oito horas da manhã sobre a cama. Ele foi vítima de uma parada cardíaca. Como Raul era diabético e

não teria tomado a sua insulina na noite anterior, isso causou no músico uma pancreatite aguda fulminante. O artista ganhou um disco de ouro póstumo com o LP lançado dois dias antes de sua morte. No dia seguinte, o corpo de Raul foi sepultado às 17 horas em Salvador, no Cemitério Jardim da Saudade (Passos, 1990). A vida

do músico nordestino terminou, porém, a sua influência permanece latente até os dias de hoje, e suas críticas ácidas e assertivas ao governo militar, em certa instância, continuam atuais em 2025, com uma cidade e Estado de São Paulo governada por dois neoliberais, grupo que era o foco dos ataques do músico em vida.

REFLEXÕES FINAIS

Com o material exposto, conclui-se que a música foi um fator-chave na morte de Raul Santos Seixas. Embora fonte de vida e liberdade para o artista, ela também o oprimiu, causando fome, forçando-o a um personagem irreal e impedindo-o de tratar traumas de tortura, preso à postura de astro do rock. A música, por fim, gerou depressão e o conduziu a vícios antes inexistentes.

Paulo Coelho influenciou Raul para a revolução e autodestruição, levando-o aos vícios que causaram sua morte.

Mesmo após 35 anos, a influência de Raul Seixas permanece forte na cultura e na música. Artigos, teses e notícias inéditas surgem constantemente. Raul provou ser o Che Guevara do Rock Nordestino em 1974 e, pós-morte, segue impactando novas gerações com seu pensamento à frente do tempo. Este texto pode apoiar professores na criação de laços dialógicos com jovens via cultura musical (Freire, 1996).

A atualidade do pensamento de Raul Seixas ecoa surpreendentemen-

te em eventos recentes, reforçando a pertinência de sua obra em um mundo em constante movimento. Francisco Imbernón (2000, p. 18-19) já observava na virada do milênio a “ilusão e receio” de que “alguma coisa mudará em nossas vidas”, e a sensação de que entraríamos numa época de “profecias de todo tipo – evitando um presente nada auspicioso”. Essa visão se conecta diretamente com a experiência recente da pandemia de Covid-19 (2020-2021), quando o mundo de fato “parou” e o clamor de “Fique em Casa” ecoou globalmente. Nesse contexto de reformulação docente, com aulas migrando para o digital, é impossível não traçar um paralelo com a visão quase profética de Raul Seixas em *O dia em que a terra parou* (1977). O “Raulzito” antecipou, em sua arte, um tempo de rotina interrompida, forçando a humanidade à introspecção e reinvenção de suas dinâmicas, incluindo a educação. Essa relevância atemporal de sua obra demonstra sua capacidade de dialogar com os desafios do futuro.

■ REFERÊNCIAS

- COELHO, Paulo. **Diário de um mago**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- DEVIDES, D. **30 anos de rock**: Raul Seixas e a cultura brasileira (de 1970 à contemporaneidade). Campo Grande: UFMS, 2006. (Dissertação de Mestrado)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUEVARA, E. El socialismo y el hombre en Cuba. In: GUEVARA, E. **Obras** (1957- 1967). Tomo II. Colección Nuestra América. La Habana: Casa de las Américas, 1965.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. v.14. (Coleção questões da nossa época). São Paulo: Cortez Editora, 2022.
- MÁRQUEZ, Francisca; GUIÑEZ, Álvaro Hoppe. La revuelta de los insurrectos contra el abuso y la desigualdad. Las protestas en Santiago de Chile en octubre de 2019". **Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología**, n. 44, p. 197-213, 2021. <https://doi.org/10.7440/antipoda44.2021.09>
- MAURO, A. O último anarquista. In: PASSOS, S. (org.). **Raul Seixas por ele mesmo**. São Paulo: Martin Claret, 2003. 41-61.
- MINUANO, C. **Raul Seixas**: por trás das canções. Rio de Janeiro: BestSeller, 2019.
- NAPOLITANO, M. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.
- NAPOLITANO, Marcos. Cultura Brasileira – Utopia e Massificação (1950-1980). São Paulo: Contexto, 2004. (Coleção "Repensando A História")
- NAPOLITANO, Marcos. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982). **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 24, n. 69, p. 389-402, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo**. São Paulo: Moraes. 1984.
- OS LIVROS** de Thelema. São Paulo, Editora Madras, 1997. (Textos de Aleister Crowley)
- PROUDHON, Pierre-Joseph. **General idea of the revolution in the nineteenth century**. New York: Dover Publications, 2003.
- SEIXAS, R.; SEIXAS, K.; SOUZA, T. O baú do Raul, Ed. 12. São Paulo, Editora Globo, 1992.
- SOUZA, L. **Construção e autoconstrução de um mito**: análise sociológica da trajetória artística de Raul Seixas. 2016. Tese de doutorado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- WOODCOCK, George. Os grandes escritos anarquistas. Rio Grande do Sul: L & PM Editores, 1981.

■ DISCOGRAFIA

LPs de Raul Seixas:

RAULZITO e os panteras. Odeon, 1968.

KRIG-HA Bandolo. Philips, 1973.

GITA. Philips, 1974.

NOVO Aeon. Philips, 1975.

HÁ 10 mil anos atrás. Philips, 1976.

O DIA em que a Terra parou. WEA, 1977.

MATA VIRGEM. WEA, 1978.

POR QUEM os sinos dobram. WEA. 1979.

ABRE-TE Sésamo. CBS, 1980.

RAUL Seixas. Estúdio Eldorado, 1983.

UAH-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!
Copacabana, 1987.

A PEDRA do Gênesis. Copacabana, 1988.

LP De Raul Seixas e Marcelo Nova:

A panela do diabo. WEA, 1989.

■ ENTREVISTAS

Entrevista de Raul Seixas à revista Bizz nº 6.
São Paulo, Editora Abril, janeiro de 1986.

Entrevista de Raul Seixas a Sônia Maia na
Revista Bizz nº 20. Editora Azul, março de 1987.

RAUL Seixas - Biografia. Disponível
em: [https://web.archive.org/
web/20131004213750/http://www.jayvaquer.
com/raul/biografia.html](https://web.archive.org/web/20131004213750/http://www.jayvaquer.com/raul/biografia.html). Acesso em: 31 maio
2025. Arquivado do original em 4 out. 2013.

KIKO Zambianchi diz que estranhou ausência
de artistas no enterro de Raul Seixas. Whiplash.
Disponível em: [https://whiplash.net/materias/
news_699/358129-kikozambianchi.html](https://whiplash.net/materias/news_699/358129-kikozambianchi.html).
Acesso em: 31 maio 2025.